



Rebuilding care in a  
post-pandemic world

Documentos de Trabalho  
Brasil



6

Cuidado *queer*: pensar  
o cuidado a partir das  
histórias de vida de  
pessoas LGBTQ+ idosas em  
Belo Horizonte, Brasil

Pedro Augusto Gravatá Nicoli  
Marcelo Maciel Ramos

Como citar esse artigo:

NICOLI, Pedro Augusto Gravatá e RAMOS, Marcelo Maciel. *Cuidado queer: pensar o cuidado a partir das histórias de vida de pessoas LGBT+ idosas em Belo Horizonte, Brasil*. Coleção Documentos de Trabalho, Redes “Who cares? Rebuilding care in a post pandemic world” e “Cuidados, direitos e desigualdades”, São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, n. 6, p. 1-32, 2024.

**Organização:** Nadya Araujo Guimarães

**Revisão de texto:** Icléia Cury

**Projeto gráfico, capa e diagramação:** Fernanda Kalckmann

**Translation from Portuguese into English:** Jan Aten



Parceiros:



Apoios:

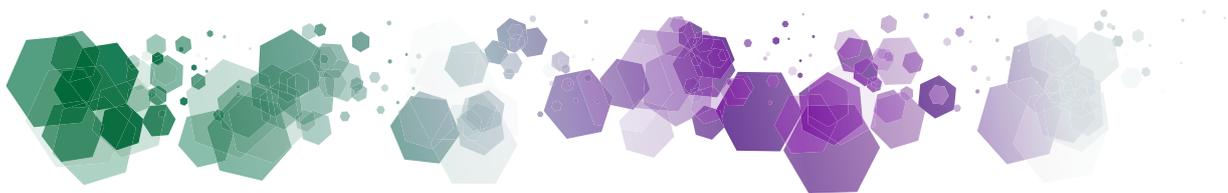


Fapesp/Trans-Atlantic Platform e Cebrap “Who cares? Rebuilding care in a post-pandemic world” (Proc. 2021/07.809-6 e 2021/07.888-3).

CNPq/Edital Universal e DS/USP “O cuidado, as desigualdades e a pandemia: entre a família, o mercado e o estado” (Proc. 421754/2021-4).

Fundação Arymax e Cebrap “Cuidado e cuidadoras. Os desafios da inclusão”.

# Apresentação



Nadya Araujo Guimarães

*Documentos de Trabalho* é uma série que coloca ao alcance de intérpretes e atores os resultados produzidos pela rede **CuiDDe**, uma articulação interinstitucional e interdisciplinar que reúne especialistas no estudo dos “**Cuidados, direitos e desigualdades**”.

Quando se faz urgente, como agora, pensar sobre o tema do cuidado, tal reflexão será infrutífera se ficar restrita a gabinetes onde diálogos são intensos, porém limitados a acadêmicos; ou a revistas científicas, cuja dinâmica de periodicidade distancia de maneira significativa o tempo do resultado do tempo do seu usufruto pela sociedade.

Nossa rede **CuiDDe** quer ajudar a romper essa redoma. Para tal, os *Documentos de Trabalho* almejam ser uma ferramenta ágil, capaz de animar o diálogo não apenas entre aqueles que estudam o tema, mas com aqueles que estão engajados nos processos de produzir cuidados, de produzir políticas de cuidados, de produzir dados sobre cuidados e de produzir ações coletivas em prol dos direitos de quem cuida e de quem é cuidado.

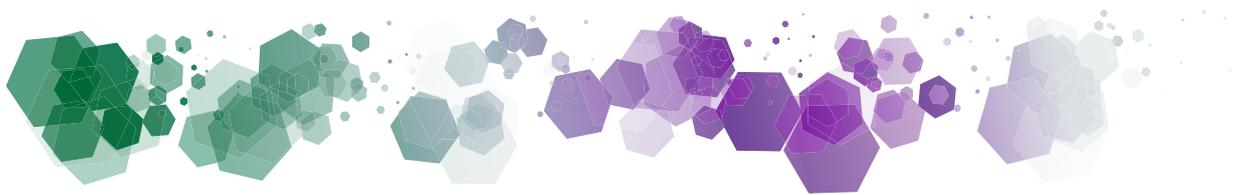
Leia e recomende os nossos textos, mas sobretudo comente-os e se aproprie das ideias que, por meio deles, pomos ao dispor de quem atua em prol da democratização dos cuidados e da equidade no cuidar.

A série completa de nossos *Documentos de Trabalho* pode ser acessada no link: <https://cuidado.cebrap.org.br/producoes-documento-de-trabalho/>

Boa leitura!



# Cuidado *queer*: pensar o cuidado a partir das histórias de vida de pessoas LGBTQ+ idosas em Belo Horizonte, Brasil<sup>1</sup>



Pedro Augusto Gravatá Nicoli<sup>2</sup>

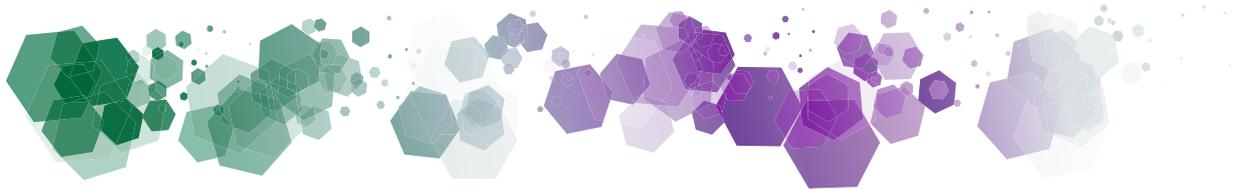
Marcelo Maciel Ramos<sup>3</sup>

---

**1** Texto especialmente preparado para discussão no I Colóquio Internacional do Projeto T-AP “Who cares? Rebuilding care in a post-pandemic world” (Paris, 25-27 de maio de 2023). Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e à Trans-Atlantic Platform (T-AP) International Call “Recovery, Renewal and Resilience in a Post-Pandemic World/2021”, proc. 2021/07888-3; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Edital 18/2021– Universal, proc. 421754/2021-4; e à Fundação Arymax (Contrato de Doação Arymax/Cebrap, julho de 2022).

**2** Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor visitante no departamento de Gênero, Sexualidade e Estudos Feministas da Duke University, nos Estados Unidos (2019-2020). Cooordenador do Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero.

**3** Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor visitante no departamento de Gênero, Sexualidade e Estudos Feministas da Duke University, nos Estados Unidos (2019-2020). Cooordenador do Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero.

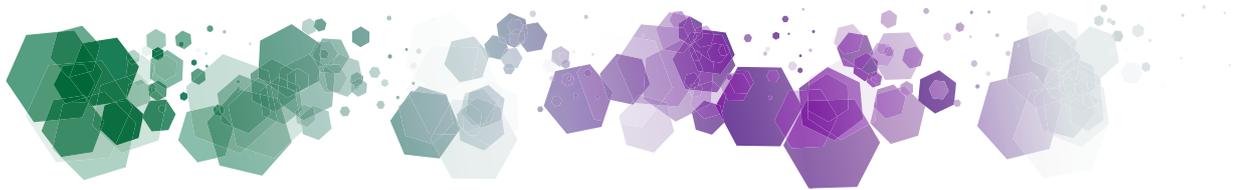


## Resumo

Como as pessoas LGBTQIA+ experimentam o cuidado? São de alguma forma privadas dele por serem pessoas LGBTQIA+? Recebem ou proveem cuidado de alguma maneira diferente por serem quem são? E, no processo de privação ou violência dos arranjos heterociscen-trados, reconstituem práticas e arranjos relacionais de cuidado a partir das experiências de discriminação e vulnerabilidades que atravessam? Como? Nesse documento de trabalho pretendemos demonstrar que as expressões dissidentes de gênero e sexualidade influem intensamente nos modos por meios dos quais as pessoas LGBTQIA+ acessam ou deixam de acessar os cuidados ao longo da vida. Suas identidades de gênero e sexualidades “fora do pa-drão” são elementos fortes, e ainda pouco estudados, em tudo o que diz respeito ao cuidado. Até mesmo na definição do que ele seja. O presente texto quer compreender esse desenho complexo, propondo a ideia de um cuidado *queer*, tomando por base os dados empíricos de um projeto intitulado Longeviver LGBT+, que investiga os processos de envelhecimento dessa população em Belo Horizonte, Minas Gerais. E o faz a partir sobretudo de entrevistas de história de vida feitas com 75 pessoas idosas LGBTQIA+. Queremos, com essas pessoas, compreender como suas identidades afetam a própria substância do cuidado, em suas prá-ticas, sujeitos, relações e espaços.

## Palavras-chave

Cuidado LGBTQIA+; cuidado *queer*; envelhecimento LGBTQIA+



## Abstract

How do LGBTQIA+ people experience care? Are they somehow deprived of it because they are LGBTQIA+? Do they receive or provide care in any way that is different because of who they are? And, in the process of deprivation or violence of heterociscentred arrangements, do they reconstitute relational care practices and arrangements based on the experiences of discrimination and vulnerabilities they go through? How so? In this working paper we intend to demonstrate that dissident expressions of gender and sexuality have an intense influence on the ways in which LGBTQIA+ people access or fail to access care throughout their lives. Their gender identities and sexualities are strong elements in everything that concerns care. Even in the definition of what it is. This text seeks to understand this complex design, proposing the idea of queer care, based on empirical data from a project entitled Longeviver LGBT+, which investigates the aging processes of this population in Belo Horizonte, Minas Gerais. And it does so based mainly on life history interviews carried out with 75 LGBTQIA+ elderly people. With these people, we want to understand how their identities affect the very substance of care, in its practices, subjects, relationships and spaces.

## Keywords

LGBTQIA+ care; queer care; LGBTQIA+ aging



## Sumário

---

1. Introdução 5
2. O projeto Longeviver LGBT+: ser pessoa idosa e LGBT+ em Belo Horizonte 6
3. Histórias de cuidado *queer*: práticas, espaços, relações e estruturas 11
  - 3.1 Uma nota preliminar sobre a ideia de *queer* 11
  - 3.2 Práticas de cuidado: expandir a legibilidade 13
  - 3.3 Sujeitas LGBT+ em relações de cuidado: quais laços e experiências? 16
  - 3.4 Espaços de cuidado: onde pessoas LGBT+ se constituem e se cuidam 19
  - 3.4 Estruturas que (não) cuidam: pessoas LGBT+ e espaços de cuidado na velhice 23
4. A ideia de cuidado *queer* 25
5. Conclusão: para pessoas LGBT+ “todo cuidado é muito, muito, muito, muito pouco” 29
- Referências 30

“Não é hora de voltar pro armário,  
mas uma hora de se cuidar mais”.

*Mulher lésbica idosa*

*Projeto Longeviver LGBTQ+*

## 1. Introdução

Como as pessoas LGBTQ+ experimentam o cuidado? Nesse artigo, pretendemos demonstrar que as expressões dissidentes de gênero e sexualidade influem intensamente nos modos por meios dos quais esses indivíduos acessam ou deixam de acessar os cuidados ao longo da vida, como também nas posições que ocupam em seus arranjos e relações. Suas identidades de gênero e sexualidades “fora do padrão” são elementos fortes, e ainda pouco estudados, em tudo o que diz respeito ao cuidado. Até mesmo na definição do que ele seja. A presente análise procura compreender esse desenho complexo, propondo a ideia de um *cuidado queer*, tomando por base os dados empíricos de um projeto intitulado Longeviver LGBTQ+<sup>4</sup>, que investiga os processos de envelhecimento dessa população na cidade brasileira de Belo Horizonte, em Minas Gerais. A partir de um recorte verticalizado nos dados coletados nessa pesquisa, queremos compreender como as experiências das pessoas LGBTQ+ idosas afetam a própria substância do cuidado em suas práticas, sujeitos, relações, espaços e estruturas.

O ponto de partida do estudo é um relativo hiato teórico. De um lado, a literatura do cuidado não produziu muita reflexão a respeito da relação entre identidades de gênero e sexualidades não hegemônicas e o cuidado. Há exceções importantes e crescentes (MANALANSAN, 2008; MENDES; JORGE; PILECCO, 2019; MALATINO, 2020; SPADE, 2020), mas o fato é que, para esse campo, as relações de cuidado são entendidas de modo ainda bastante heterossexual e cisgênero. Da mesma forma, e como outro lado da moeda, os estudos LGBTQ+ tampouco se dedicam muito a compreender de maneira detida e articulada a esfera do cuidado. Os estudos existentes se referem majoritariamente a recortes específicos como saúde, envelhecimento e relações familiares de pessoas LGBTQ+ (PARK, 2013; FABBRE, 2015; HENNING; DEBERT, 2015; RAMIREZ-VALLES, 2016; HENNING, 2017; ARAÚJO; SILVA, 2020; RICHARDS, 2020; SOUZA, 2022).

---

<sup>4</sup> O projeto Longeviver LGBTQ+ é marcadamente coletivo. Constituiu-se, em tudo o que é, a partir da contribuição essencial de diversas pessoas, em diversos momentos, de diversas formas. Agradecemos especialmente à equipe de coordenação discente, composta por Cristiane dos Santos Silveira, Cyrana Borges Veloso e Gabriel Radamesis Gomes Nascimento. E a todas e todos os demais membros do projeto, que contribuíram de muitas maneiras na sua execução: Gabriela Dantas Rubal, Marion Francisco da Silva, Sofia Rodrigues Siqueira Paranhos, João Vítor Salsano Barros, Aline Lopes, Enrico Martins Poletti Jorge, Stéfany Sidô Ventura, João Felipe Zini, Samantha Nagle Cunha de Moura, Henrique Ferreira Santana, Danúbia da Costa Teixeira, Izaú Gomes Querino Rodrigues Neto, Pedro Costa França, Márcia Ribeiro da C. Valentin, Gabriella de Moraes. Além de Marina Cupertino Xavier, pelo trabalho de *design* e arte, e Gustavo Gontijo, pelas colagens que ilustram os materiais do projeto.

Essa desconexão teórica talvez derive da centralidade das relações de gênero no campo do cuidado. A conhecida sobrecarga feminina nas esferas do cuidado, nos arranjos heterocentristas, se constitui na força de instituições sociais, como a família, estruturadas a partir dessas posicionalidades fixas e gendradas – além de fortemente racializadas – ou mesmo da prevalência da vulnerabilidade econômica como grande determinante dos arranjos e rearranjos do cuidado a partir dessas posições. Tais elementos levam igualmente os estudos LGBTQ+ a se distanciarem do tema, ou compreenderem primordialmente seus efeitos violentos sobre pessoas dessas comunidades, sem, contudo, conduzirem a uma formulação que una essas duas pontas, refletindo sobre o que se passa nas relações de cuidado quando as sujeitas são pessoas LGBTQ+.

O artigo propõe uma entrada nesse que é um universo teórico em constituição, explorando as possibilidades e dimensões dessa ideia nascente, de um cuidado *queer*, a partir de elementos de uma iniciativa de pesquisa empírica. Como dito, utilizamos dados coletados no projeto de pesquisa Longeviver LGBTQ+, desenvolvido pelo Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero (Diverso UFMG), programa de extensão da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pelos autores deste artigo, em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte. O projeto visou mapear as experiências e necessidades da população LGBTQ+ com mais de 60 anos na cidade de Belo Horizonte, a partir, sobretudo, de entrevistas de histórias de vida feitas com 75 idosos, entre homens gays, mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, trans e travestis.

A proposta do artigo é, conhecendo essas histórias, dar densidade conceitual à ideia de um cuidado *queer*. Discutir, a partir dos relatos coletados e de ferramentas teóricas do campo *queer*, quais seriam as práticas, sujeitas, relações e espaços que descentram o modelo dominante de cuidado.

## 2. O projeto Longeviver LGBTQ+: ser pessoa idosa e LGBTQ+ em Belo Horizonte

Intitulado “Envelhecimento da população LGBTQ: diagnóstico sobre o Longeviver e o acesso aos serviços públicos municipais”, o projeto é fruto de uma parceria entre o Diverso UFMG e a Diretoria de Políticas para a População LGBTQ (DLGBT), órgão da prefeitura de Belo Horizonte dedicado às questões LGBTQ+ na capital mineira.

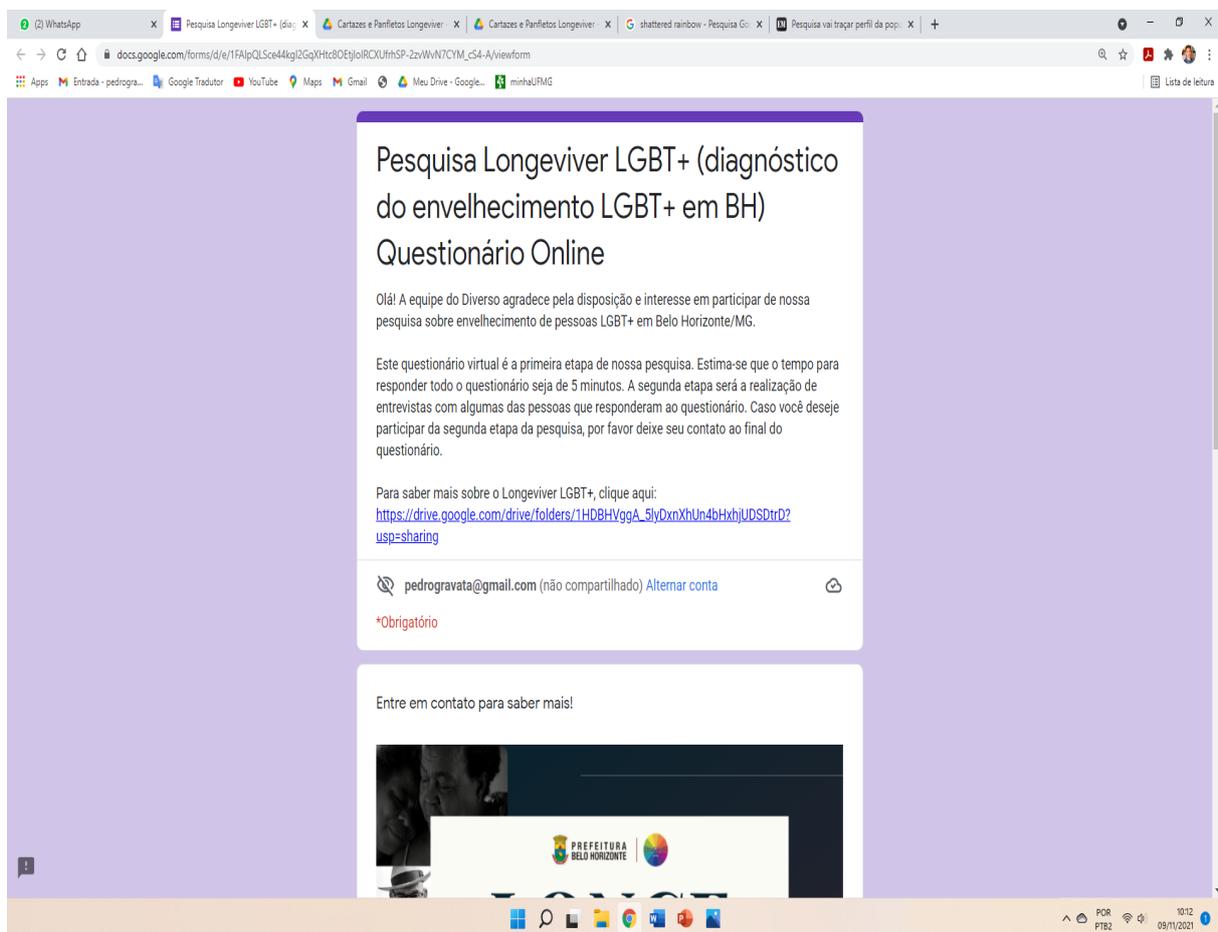
O projeto Longeviver LGBTQ+ é um ponto de partida, que lhe dá seu contexto. Tanto no Brasil, quanto no mundo (SILVA; LENA; MIRANDA-RIBEIRO, 2018) existe um “gargalo” de dados estatísticos sistemáticos sobre a população LGBTQ+ em geral. Há uma enorme dificuldade de acessar dados, informações, reflexões sólidas e sustentadas sobre essa comunidade, mais ainda quando se considera o recorte etário, alcançando pessoas idosas. Tudo isso afeta a reflexão sobre o seu acesso à esfera dos direitos.

O objetivo foi, então, o de levantar um conjunto sistemático de informações sobre a população idosa LGBTQ+ em Belo Horizonte, traçando um perfil socioeconômico; estrutura da família e histórico de fragilização de vínculos familiares; saúde mental e processos de

adoecimento na velhice; violações de direitos e histórico de violência LGBTfóbica; percepção sobre segurança; vivência da sexualidade, matrimonialidade e outras relações afetivas; e consumo, patrimônio e turismo.

Para tanto, o Diverso UFMG formou uma equipe interdisciplinar (integrantes de áreas como direito, sociologia, história, letras) e desenhou uma estratégia metodológica geral: a aplicação de questionários exploratórios *online* e a formação de um cadastro. Em seguida, foram realizadas entrevistas em profundidade, que se utilizaram da metodologia das histórias de vida, numa expansão em bola de neve.

Na primeira fase, um questionário *online* de estruturação bastante enxuta foi disparado e circulado dentro de estratégias que envolveram fóruns virtuais da pessoa idosa, grupos e comunicações diretas via WhatsApp, bem como divulgação na mídia *online* e impressa da capital. Diante do caráter inédito da pesquisa houve um interesse bastante significativo da mídia. Os registros visuais a seguir mostram as primeiras etapas:



# Registros da divulgação na mídia

## Parceria entre UFMG e PBH traça panorama da população LGBTQIA+ idosa em BH

A pesquisa pretende apontar problemas e dificuldades que pessoas LGBTQIA+ enfrentam na capital e estar voluntária a participar de questionários.

“É uma população muito estigmatizada, que tende a ficar dentro do armário muito mais do que jovens e adultos. Existe o estigma da própria velhice e o fato de que ninguém vê uma pessoa velha como não heterossexual”, afirmou.

## UFMG e prefeitura de BH fazem diagnóstico inédito da população LGBTQ+ acima de 60 anos

Busca-se conhecer este público e fomentar políticas públicas específicas.

Uma pesquisa da UFMG vai diagnosticar o processo de envelhecimento de pessoas LGBT em Belo Horizonte. Serão avaliados o perfil socioeconômico, a estrutura familiar, saúde mental, histórico de violência LGBTófica, entre outros pontos.

## Pesquisa vai traçar perfil da população idosa LGBTQ+ em Belo Horizonte

Com o objetivo de traçar o perfil da população idosa LGBTQ+ em Belo Horizonte, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) vão realizar uma pesquisa inédita.

“É um público pouco estudado, por vários motivos, o que tem a ver também com a falta de interesse da sociedade em relação à saúde física e mental dos idosos LGBT”, conta a socióloga e uma das coordenadoras do projeto Cytana Veloso.

## Estudo sobre envelhecimento da população LGBTQ recebe apoio da Prefeitura de Belo Horizonte

Executivo municipal sinalizou que vai empregar o resultado da pesquisa da UFMG no planejamento geral do envelhecimento da população de BH.

## Projeto da UFMG faz diagnóstico do envelhecimento LGBTQ+ em BH

“As pessoas idosas sofrem com uma série de violências que dizem respeito a sua idade, que incluem violência física, psicológica, sexual, abandono, negligência, isolamento. Essas são situações experimentadas de maneira geral por pessoas idosas, sobretudo em vulnerabilidade social. E as pessoas LGBT também sofrem com as formas específicas de violência contra suas existências, que, de alguma forma, desafiam os padrões estabelecidos, as normas socialmente impostas de identidade de gênero e sexualidade. A LGBTófia também tem muitas formas e impõe a essas pessoas uma realidade que é muito violenta, tanto do ponto de vista físico, quanto do subjetivo”, afirmou.

(Lei 10.741/03), não existe nenhum diagnóstico específico na capital mineira em relação às violações dos direitos da população idosa LGBTQ+, que sofre duplo processo de estigmatização e invisibilização.

Como aponta o coordenador-geral da pesquisa, professor Pedro Nicolli, as pessoas LGBTQ+ idosas “sofrem preconceito por serem idosas, mesmo entre as pessoas LGBTQ+, e por serem LGBTQ+ diante de pessoas que não são, além das estruturas e instituições. Por isso, acabam particularmente sujeitas ao isolamento social, ao sofrimento físico e mental que decorre do fato de serem quem são, com a idade que têm”.

## BH vai realizar primeira pesquisa sobre a situação da população LGBTQ com mais de 60 anos

Uma pesquisa inédita vai diagnosticar o processo de envelhecimento de pessoas LGBT em Belo Horizonte. Serão avaliados o perfil socioeconômico, a estrutura familiar, saúde mental, histórico de violência LGBTófica, entre outros pontos.



## O que é o Longeiver LGBT+?



**O Longeiver LGBT+ é uma iniciativa do núcleo Diverso UFMG com incentivo da Diretoria de Políticas para a População LGBT+, da Prefeitura de Belo Horizonte, que almeja compreender o envelhecimento de pessoas LGBT+ na cidade de Belo Horizonte.**

### Como funciona?

Vamos realizar entrevistas com idosos e idosas homossexuais, bissexuais, transexuais e a quem se declare LGBT+.

Todo o contato com o Longeiver será **anônimo**. As entrevistas poderão ser em regime remoto (pela internet) ou presencial – sempre respeitando as normas sanitárias e garantindo a liberdade de manifestação do participante.

## Entre em contato

Se você for pessoa com mais de 60 anos, LGBT+ (homossexual, bissexual, transexual, entre outros) e residir em Belo Horizonte ou conhecer alguém com esse perfil: **entre em contato com a gente!**

Para mais informações, como participar, saber mais sobre o projeto e sobre a equipe:

EMAIL : longeiverbh@gmail.com  
FACEBOOK : /LongeiverLGBT  
WHATSAPP : (31) 99509 . 5484

### Como ajudar?

Mostre o nosso material e repasse essa informação!



### LEMBRANDO QUE O CONTATO COM A PESQUISA É ANÔNIMO!

As pessoas que participarem da pesquisa receberão uma ajuda de custo no valor de R\$50,00 (cinquenta reais).

Note-se que o público-alvo se mostrava particularmente difícil de alcançar, diante dos estigmas, experiências e temores da população LGBT+ destas gerações. Mesmo com todas as dificuldades, nesta primeira fase obtivemos 114 respostas ao questionário *online* dessas pessoas com mais de 60 anos residentes na capital mineira. E, a partir daí, traçamos também alguns elementos básicos dos respondentes: o perfil etário e socioeconômico; relatos de violências e discriminações vivenciadas por essas pessoas ao longo da vida e na velhice; relatos sobre acesso à moradia e saúde/cuidados após os 60 anos.

A segunda fase da investigação — que a bem da verdade é o seu epicentro metodológico — consistiu em entrevistas baseadas na metodologia de histórias de vida, por meio da qual buscamos compreender aspectos biográficos das pessoas entrevistadas e também suas vivências atuais como pessoas idosas LGBT+ em Belo Horizonte. Foram realizadas 75 entrevistas nesse modelo. Os dados levantados são de uma enorme complexidade e riqueza. Excedem, inclusive, o recorte específico deste artigo, cobrindo uma gama enorme de temas: subjetividades e envelhecimento; sexualidade e identidade de gênero; violências e discriminações; saúde; cultura, lazer e ativismo político; acesso à renda e empregabilidade; serviços públicos.

Aqui, sob o pano de fundo deste universo muito mais amplo de informações, propomos um recorte que centraliza a perspectiva do cuidado, o que se justifica de muitas maneiras. A primeira delas é a centralidade de temas afetos à esfera dos cuidados nas próprias histórias das pessoas LGBT+ entrevistadas, e como, a partir dessas, as pré-compreensões sobre os desenhos do cuidado são colocadas em questão. Isto nos leva a razões de fundo de ordem teórica. Os dados empíricos apontam e reforçam a importância de elaborar teoricamente o mencionado certo hiato nos pontos de conexão entre cuidado, gêneros e sexualidades dis-

sidentes e envelhecimento. Os estudos LGBTQ+, de maneira geral, ocupam-se pouco tanto do tema do cuidado quanto do envelhecimento. Da mesma forma, o campo do cuidado não tem considerado centralmente as identidades de gênero e sexualidades não hegemônicas em suas formulações, sejam elas sociológicas, éticas, empíricas, econômicas. Nos estudos de envelhecimento, dá-se o mesmo. E precisamente nessa articulação entre presenças e ausências, o legível e o ilegível, o que se vê e não se vê, é que vislumbramos a janela reflexiva a ser aqui explorada, de um *cuidado queer*.

### 3. Histórias de cuidado *queer*: práticas, espaços, relações e estruturas

A partir da coleta de dados, da escuta das histórias de vida e envelhecimento de pessoas LGBTQ+, pretende-se uma requalificação conceitual do debate sobre o cuidado, à luz justamente de experiências que não são hegemônicas. A ideia, com apoio na chamada teoria *queer*, é justamente perceber que *práticas, espaços, relações e estruturas de cuidado* se manifestam de forma diferente nas dissidências de gênero e sexualidade, não podendo ser compreendidos dentro dos mesmos marcos das relações heteronormativas de cuidado. Esses, portanto, serão os eixos de conexão conceitual, com elaborações a partir dos relatos e das construções teóricas e empíricas de cuidado.

#### 3.1 Uma nota preliminar sobre a ideia de *queer*

Algumas palavras prévias sobre a ideia de *queer* e o desenvolvimento de um campo teórico ou crítico conexo. A primeira coisa a se considerar é que o fenômeno *queer* resiste à sua própria definição. Ele recusa proclamar a sua reivindicação, seu projeto ou seus planos políticos. Conforme Annamarie Jagose, quanto mais normativo, menos *queer* algo é. Qualquer tentativa de sintetizá-lo seria violentamente parcial (JAGOSE, 1996, p. 1-2). Identificá-lo como uma escola de pensamento implicaria um ato de domesticação ou de fixação de um tipo de pensamento que resiste à domesticação ou fixação. Embora a expressão teoria *queer* seja reconhecida por muitos como disciplina acadêmica, o *queer* representa um esforço teórico que luta contra os efeitos da institucionalização, que recusa as conclusões definitivas sobre si e que tenta se manter no processo ambíguo de se tornar e se desconstruir. Conforme Nikki Sullivan, há um temor por parte da crítica *queer* de ser assimilada pelas perspectivas hegemônicas que ela critica. Ao invés de definir a si mesmo, de dizer o que a teoria *queer* é, seria mais fácil falar sobre o que ela faz ou oferece como crítica (SULLIVAN, 2003, p. vi).

A expressão teoria *queer* aparece e ganha repercussão com o texto de Teresa de Lauretis, *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities* (Teoria Queer: sexualidades lésbicas e gay), publicado em 1990 no periódico feminista *Differences: a Journal of Feminist Cultural Studies*. No artigo, que introduz o volume por ela mesma editado, de Lauretis procura articular os termos pelos quais as sexualidades lésbica e gay poderiam ser entendidas e imaginadas como forma de resistência contra a homogeneização cultural e os discursos dominantes (DE LAURETIS, 1991, p. v).

A palavra *queer*, que já vinha sendo usada pelos movimentos e estudos gays e lésbicos como termo mais abrangente para falar de sexualidades minoritárias, passa, então, a ser invocada para constituir um conjunto de práticas teóricas críticas. É interessante notar que em inglês a palavra *queer*, que significa literalmente estranho(a), era usada de modo pejorativo para se referir a homens afeminados, gays, lésbicas, pessoas trans ou qualquer indivíduo que não se conformasse às normas hegemônicas do gênero e da sexualidade. No contexto dos movimentos e estudos gays e lésbicos (mais tarde estudos LGBT), o *queer* é reapropriado e ressignificado, seja como identidade (eu sou *queer*, nós somos *queer*), seja como práticas que desafiam os esquemas dominantes das identidades, das sexualidades e do gênero (o *queer* como uma espécie de posição anti-identitária).

Para David Halperin, o *queer* deve ser pensado como uma posicionalidade e não como uma identidade. Uma posicionalidade excêntrica a explorar, um lugar privilegiado para a crítica e análise de discursos culturais. O *queer* descreve tanto um horizonte de possibilidades e objetivos heterogêneos que não podem ser delimitados de antemão, quanto um lugar marginal que multiplica as oportunidades de “desidentificação, negação e repúdio” (HALPERIN, 1995, p. 61-64).

Para Judith Butler, o *queer* é um movimento que não pode ser totalmente antecipado: “se o termo ‘*queer*’ é um lugar de contestação coletiva [...] ele terá que se manter como aquilo que, no presente, nunca é completamente possuído, mas sempre e apenas desdobrado, torcido, estranhado” (BUTLER, 1993, p. 19).

Como todo termo ou teoria, o *queer* não só é expressão da recusa e da disputa, mas também é disputado e reclamado com diferentes propósitos. Na língua inglesa, a palavra acaba funcionando como um termo guarda-chuva, a abranger gays, lésbicas, bissexuais, pessoas trans. Com isso, muito do que antes se denominava estudos gays e lésbicos passa a se identificar como estudos *queer* pelo simples fato de terem como objeto sexualidades e identidades de gênero desviantes. O problema é que, conforme chama atenção Gloria Anzaldúa, o *queer*, ao ser usado como um falso guarda-chuva unificador, mesmo quando buscamos abrigo debaixo dele, acaba homogeneizando e apagando nossas diferenças (ANZALDÚA, [1981] 2002, p. 230-233).

Assim, o *queer* tem sido usado tanto como uma categoria identitária abrangente e flexível, a abarcar todas e todos que não se ajustam às normas hegemônicas da heterossexualidade, quanto como uma espécie de anti-identidade, uma posição de recusa do que é tido como normal, estável e fixo. Enquanto identidade reclamada que engloba todas as LGBT+, o *queer* acaba forjando um comum partilhado, ameaçando o apagamento das especificidades e das diferenças e invisibilizando os indivíduos mais vulneráveis dentro do grupo (pessoas trans e travestis, negras, mulheres, minorias nacionais etc.). Enquanto posicionalidade crítica, o *queer* denuncia a cumplicidade do próprio movimento LGBT, que, na busca de reconhecimento e ampliação de direitos, negocia e é assimilado pelas estruturas de poder heterossexuais, além de instrumentalizar políticas identitárias, reforçando estruturas e dispositivos que são deletérios da diversidade e de liberdades radicais.

Trata-se de um universo complexo produzido dos encontros e desencontros dos estudos de sexualidade e de gênero, mas também de raça e de classe. De uma posição crítica que aponta os limites e ambiguidades dos saberes dominantes, que procura compreender e expor as contradições e instabilidades dos poderes, seja em seus aspectos institucionais, seja do ponto de vista das microrrelações que constituem os sujeitos. O *queer* se interessa pelo exame crítico dos discursos e das normas, do como eles são articulados na produção das subjetividades.

Para nós, aqui, o *queer* pode funcionar como uma lente crítica a apreender sentidos de narrativas sobre modos peculiares de se privar, acessar, experimentar e reinventar o cui-

dado, nas experiências atuais e nas memórias de pessoas LGBTQ+ idosas. A partir do *queer*, os estilhaços que coletamos podem assumir algum sentido, ainda que provisório e em permanente rearranjo. Algo que, aliás, também talvez se possa dizer sobre o cuidado como categoria, em sua capacidade de metabolizar sentidos plurais e até mesmo contraditórios (GEORGES, 2019). Dessa colagem entre duas categorias de mediação é que se aposta numa leitura mais viva e fiel do que o cuidado pode realmente significar para essas pessoas.

### 3.2 Práticas de cuidado: expandir a legibilidade

O que são práticas de cuidado? Há, de uma certa maneira, um conjunto de operações materiais e simbólicas que se reconhecem social e institucionalmente como típicas desse campo. Seja na literatura do cuidado (MOLINIER; LAUGIER; PAPERMAN, 2009; GUIMARÃES; HIRATA, 2020; HIRATA, 2022) ou na regulação das profissões a ele afetas, desenham-se um certo perímetro de atividades que define as fronteiras do campo. Não são limites, é certo, impermeáveis. Há sempre discussão muito acesa sobre o que incluir e não incluir nesse universo (GUIMARÃES; PINHEIRO, 2023). A coleta dos dados das histórias de vida do projeto Longevidade LGBTQ+, contudo, parece nos apresentar fronteiras ainda inexploradas dessa definição do que poderia ser cuidado para essas pessoas. Muitos eventos ao longo da vida de uma pessoa LGBTQ+ se constituem material e subjetivamente em operações próprias.

O relato de uma travesti idosa entrevistada nos põe a pensar sobre o que seria cuidado no corpo dela, especialmente no contexto do que fez para viabilizar a expressão de seu gênero. “Raspei minha sobrancelha, furei a minha orelha e comecei a tomar hormônio. Em 1975, eu já estava transicionada”, diz ela. Práticas estéticas que podem, à primeira vista, parecer muito comuns (como fazer a sobrancelha e furar as orelhas), assumem uma força particular, uma vez que se incorporam ao substrato material da transformação da expressão de gênero. Mudam, talvez, de substância, integrando-se de modo forte aos processos de transformação que acontecem com ela.

Da mesma forma, procedimentos farmacológicos e médicos, como o uso de hormônios, assumem sentidos específicos. A terapia hormonal da readequação do gênero é algo de efeitos e proporções próprias no contexto da autoconstituição das pessoas trans e travestis. Não parece ser uma simples e cotidiana operação de administração de medicamentos. Há uma conexão íntima entre esse gesto, de tomar um medicamento, esse protocolo endocrinológico, e a produção de si. E isso faz mudar a natureza das coisas. Traz em definitivo essas práticas que materialmente existem em outros universos para um lugar bastante próprio de práticas de *cuidado trans*.

As práticas sobre o corpo de travestis e pessoas trans, aliás, podem ser lidas de maneira geral sob essa chave, como processos de cuidado. Diz Larissa Pelúcio (2005, p. 97), especificamente sobre as travestis:

Entre as travestis, ser belíssima é uma classificação estético-moral que aponta para um conjunto de cuidados que estas dedicam ao corpo e, assim, à construção da Pessoa. É este “se cuidar” que atesta a determinação da travesti em se transformar e, assim, adequar seu corpo “de homem” aos seus desejos e práticas sexuais.

Na verdade, muitas dessas práticas podem se colocar de maneira profundamente ambígua no que diz respeito à saúde de pessoas trans. É o caso, por exemplo, da aplicação de silicone industrial. A literatura é farta ao relatar a presença e importância desse processo nas transformações corpóreas, sobretudo de travestis (PELÚCIO, 2006) e dos seus complexos efeitos sobre a saúde (PINTO *et al.*, 2017). Ao mesmo tempo, relatam um certo caráter comunal desses processos, articulados pelas próprias travestis e ao redor de figuras como as “bombadeiras”, que fazem elas mesmas a injeção do silicone (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008).

Uma das entrevistadas do projeto Longeviver LGBT+, travesti idosa, relata ter colocado silicone industrial como parte do seu processo de autoafirmação. Aqui, então, uma prática medicamente desaconselhada, com grandes riscos para a saúde, parece ser incorporada por essa comunidade como prática central para a constituição de seus corpos, num mundo em que a vulnerabilidade econômica impede largamente essas pessoas de acessarem a esfera da cirurgia plástica tradicional. Diante da força do desejo da transição, o uso do silicone industrial se torna um dado de realidade.

Esse processo, talvez, tenha relação com a incompreensão dos sentidos próprios que esses procedimentos podem ter para a comunidade trans e travestis. Cirurgias e procedimentos estéticos não fazem parte de políticas ostensivas e públicas de cuidado e saúde. Assim é que elas terminam adotando práticas que, no futuro, podem prejudicar seus corpos físicos. A mesma entrevistada travesti relata: “eu tinha muito silicone industrial no rosto, eu precisava tirar o silicone, eu precisava fazer uma cirurgia particular”. Ou seja, tanto a colocação quanto a eventual remoção do silicone industrial, em razão de complicações de saúde, passam a potencialmente compor o arco de práticas de cuidado trans. O cuidado, para essas pessoas, engloba com uma especial intensidade processos entendidos como meramente estéticos, submetendo-as a grande risco para que produzam os corpos que desejam.

Na afirmação das sexualidades dissidentes, práticas de iniciação sexual ou de busca de parceiros de maneira clandestina aparecem como fundamentais nas trajetórias de homens gays. A “pegação” gay, no jargão dessa comunidade, engaja uma série de trocas intersubjetivas que são fundamentais para o entendimento e vivência do sexo e, com isso, para a formação das próprias identidades. A “pegação”, portanto, como um conjunto de práticas socialmente assimiladas como proibidas pode ser percebida pela chave do cuidado, em suas muitas nuances e ambiguidades. Para muitos homens, como um dos gays idosos entrevistados, ela vai se passar da seguinte maneira:

É... ou sair pra transar em lugares meio obscuros assim que... Olha, existe um fator sorte muito grande. Mas dentro do fator sorte existe o fator risco muito grande [...]. Cada pessoa vive da maneira que quer, a gente pode dizer: “cê tem que fazer isso ou aquilo, né?”.

Ter, querer e poder experimentar o sexo gay é algo central para as experiências de vida dessas pessoas.

Nesses espaços, práticas eróticas específicas se incorporam ao processo de autoconhecimento e expurgação da culpa da homossexualidade. No relato de outro homem gay entrevistado:

Olha procê ver! Então o quê que acontecia? Sábado à tarde, de bobeira, [...] e eu sozinho lá... ‘Ah, quer saber de uma coisa? Vou lá no cinema pornográfico, vou ver como é que é aquilo’, né? Filme de homem com mulher. Não era... não era filme gay, não. Aí chegava lá, logo vinha um cara, sentava do lado e tal... Pra mim era uma situação muito nervosa, eu nem olhava pro lado. Mas por outro lado, era uma situação excitantíssima. Então... Eu não fazia nada, eu deixava os caras me masturbar, sabe? Eu deixava. Porque eu saía de lá sem culpa: ‘não fui eu’, sabe? [risos] Aí essas coisas foram acontecendo.

Um dos entrevistados chega, inclusive, a interpelar o entrevistador no sentido de saber se ele conhecia o sentido desses espaços e práticas. “Tinha uns lugar que você ia... Havia... é... os cinemas... Não sei se você domina essa... essa área, mas é... o cinema de pegação, né?”. Ou seja, espaços que tinham um sentido próprio, albergando práticas essenciais não só para a satisfação sexual, mas para a constituição de si.

Um outro capítulo fundamental nesse processo de constituição de si de pessoas LGBTQ+ associa-se potencialmente às práticas de cuidado: a saída do armário. A publicização das identidades dissidentes é um processo complexo e heterogêneo. Mas, de modo geral, é um momento particularmente importante para pessoas LGBTQ+. Pensar as práticas e experiências engajadas nesse processo parece, então, fundamental para compreender o que o cuidado significa para pessoas LGBTQ+ em momentos de particular intensidade de sentidos e vulnerabilidade.

O armário, metáfora da ocultação de sexualidade, é imposto às pessoas LGBTQ+ de formas variadas e violentas. Um dos homens gays idosos entrevistados fala sobre o processo de imposição do armário e sobre os impactos na sua própria autopercepção:

O *bullying* fez parte muito da minha vida, né? E tanto é que ele me manteve no armário até os... até os trinta anos, quase quarenta, né? Eu fiquei, ali, agarrado naquela ideia de que eu ia conseguir... é... não ser gay. Eu lutei pra não ser gay, sabe?.

A saída dessa condição imposta de ocultação, dessa “luta para não ser gay”, é um gesto complexo, de dimensões materiais e subjetivas que se colocam como condicionantes para uma ruptura paradigmática. Esse conjunto de práticas — que podem envolver a busca de pessoas aliadas, de suporte material, de reunião de condições financeiras, de estratégias individuais e coletivas de fortalecimento subjetivo diante do rechaço potencial — tem uma importância enorme na constituição de uma vida LGBTQ+. É, aliás, um processo que pode se alongar no tempo, avançar, retroceder, implicar angústias variadas, vindas de variadas fontes.

Às vezes, as dificuldades se internalizam na própria pessoa LGBTQ+, como no relato de um homem gay entrevistado:

Eu me lembro demais do dia que eu assumi e que, de repente, já não tinha que tá escondendo nada de ninguém, eu me vi um pouco perdido, sabe? Um pouco perdido. Eu... eu não sabia... Bom, agora eu posso ser quem eu sou. Quem eu sou? Sabe? Eu não sabia quem eu era.

Outro entrevistado ressalta:

Até uns trinta, eu não consegui me libertar do armário. Eu morava sozinho, eu tinha minha independência financeira [...]. Ninguém ficava tomando conta de mim. Ninguém ficava de olho, e eu ainda insistia em arrumar namorada, em ter relacionamento com mulheres.

Ou por vezes são as relações familiares e afetivas que defendem as paredes do armário. Um dos homens gays entrevistados relata: “meu filho mais velho me pediu pra que me mantivesse no armário. Eu achei que ele não tinha esse direito”. E, mesmo diante de todas as dificuldades, para muitos o momento de ruptura chega, conforme declara um de nossos entrevistados: “aí acabou, aí acabou. Aí o armário foi pro espaço”.

Esses três exemplos — práticas de alteração corporal para travestis e pessoas trans; práticas sexuais lidas como clandestinas ou promíscuas para homens gays; práticas que viabilizem a saída do armário para pessoas LGBT+ — parecem conter operações fundamentais de produção material e simbólica da vida. E não necessariamente são vistas desta forma. Reputadas como abjetas, prejudiciais, desnecessárias, repulsivas, desimportantes, podem ser relidas em sua força constitutiva se entendidas como práticas de cuidado *queer*.

### 3.3 Sujeitas LGBT+ em relações de cuidado: quais laços e experiências?

Pessoas LGBT+ ocupam posições nas relações de cuidado que, mais uma vez, respondem diretamente às suas identidades de gênero e sexualidades fora do padrão. Desde o momento em que passam a apresentar indícios disso, na infância, tal posição altera-se de modo significativo. Esse redesenho pode assumir formas radicalmente distintas do que se espera de posições demarcadas no mundo das pessoas cis e heterossexuais, com uma perturbação dos regimes dominantes da feminilidade e masculinidade subjacentes aos fluxos do cuidado.

As pessoas LGBT+, como sujeitas em relações de cuidado, parecem ter sua identidade dissidente recorrentemente transmutada em um tipo de “moeda de troca”. Para acessarem o cuidado, são com frequência interpeladas a ocultar essas identidades, alterar sua expressão, suprimi-las. E para (re)constituírem suas próprias relações de cuidado, negociam nos horizontes da repressão de quem são, em práticas e espaços vigiados e combatidos. E ainda assim, em momentos-chave da vida, são instadas à posição de cuidadoras, por vezes de quem as violentou. Para que provenham cuidado, a posição socialmente subalterna numa sociedade LGBTfóbica é mobilizada para lhes imputar obrigações. Por isso uma “moeda de troca”.

Na infância, por exemplo, são muitos os relatos no projeto Longeviver LGBT+ de privação de cuidado diante da revelação de indícios de sexualidades e identidades de gênero fora do padrão. Um homem gay entrevistado relata que “era um menino meio afeminado” e que, a partir disso, vivia com sua “família tentando modificar os meus modos de ser e tudo, meu comportamento, muito discretamente, mas eu sofri muito com isso nessa época”. Outro homem gay idoso entrevistado conta:

Eu sentia que tinha um pouco essa pressão sobre mim porque eu era uma criança diferente, muito sensível e tudo. Mas de uma família muito numerosa, então meus pais não tinham muito tempo, meu pai trabalhava muito e minha mãe trabalhava muito em casa, ela era doméstica. Então, a gente foi criado muito assim.

“Assim”, sem muito acesso a cuidado de qualidade, que respeitasse sua forma de se colocar no mundo. Para pessoas trans, esse “assim”, num quadro de carência material e afetiva, pode inclusive ocultar formas outras de violência. No relato de uma mulher trans idosa entrevistada, lembrando sua infância:

Os meus irmãos não gostavam de ir comigo, não. Me largavam sempre pra trás e eu não conseguia acompanhá-los nas passadas, né... porque eles eram maiores do que eu, e eu não conseguia acompanhá-los nas passadas. Aí, o que acontecia, tinha um garoto que ele sempre me levava. Eu ia sempre junto com ele. E ele ia de mão dadas comigo, me abraçava, me fazia... ele era muito mais velho do que eu. Me fazia carinho e tudo, só que eu não entendia. [...] Ele tinha uns doze anos e eu tinha cinco anos.

Se na família, unidade fundamental dos fluxos de cuidado, essa perturbação é recorrente, mais ainda o será no ambiente escolar. Relata um homem gay idoso entrevistado, lembrando seus tempos de menino:

Na escola eu sofri um bocado de *bullying*, a gente não sabia de nada disso naquela época, nem que existia, achava que era isso mesmo, os meninos brincavam com a gente, batiam na gente, que não sei o que... Entendeu? ‘Oh viadinho’, aquelas coisas.

E o relato se detalha: “‘oh, não faz isso’, ‘oh, não seja’, ‘ih, cê tá parecendo viadinho’, ‘ih, bichinha’ e tal. Muito *bullying*, sofri muito *bullying*. Me lembro de... eu era um menino meio afeminado”.

Por isso a sensação de um homem gay idoso entrevistado sobre a sua infância, a partir das experiências de violência que passou, evoca bem essa perturbação, em um desenho particular ao redor do cuidado: “a infância foi isso. Agora, eu me lembro que eu tinha muita vontade de ser adulto, eu não gostava de ser criança. Eu não sei se tem uma ligação entre ser criança e não poder ser quem eu era”.

A partir da progressiva afirmação de si na vida adulta, pessoas LGBTQ+ continuam a relatar experiências que as privam de relações potenciais de cuidado e de significância afetiva. É o que conta, por exemplo, uma mulher lésbica idosa, sobre seu contexto familiar: “o meu cunhado [...] me proibiu de conviver com meus sobrinhos quando eles eram pequenos. Nunca foi um problema pra mim. Eu falei: ‘criança cresce’. Cresceram, são grandes amigos meus hoje”. Ou seja, as posições clássicas em potenciais relações de cuidado são afetadas pelo estigma, temor, pela ignorância, violência, pelas muitas formas de expressão direta e indireta da LGBTQfobia.

Por isso a circulação particularmente importante no imaginário e nas práticas de pessoas LGBTQ+ de laços de cuidado não familiares. Uma certa ideia de “família escolhida”, de

sentidos comunais a partir das amizades entre pessoas LGBTQ+. A mesma mulher lésbica entrevistada comenta: “eu tenho um amigo, que é gay e ele olhou pra mim, ele fala pra mim assim, a gente brincava que a gente era casado, que a gente ia cuidar um do outro na velhice”. Ou seja, o horizonte de potencial privação de cuidado nas relações familiares intergeracionais promovem rearranjos, ao menos projetados como desejos, nos laços entre pessoas LGBTQ+.

O mesmo se pode aferir dos sentidos profundos assumidos por relações de amizade ao longo da vida. Uma entrevistada lésbica narra: “a gente tem um grupo de amigas muito bom, muito grande, forte... é... de mais de quarenta e cinco anos de amizade, que a gente... que eu conquistei. Então a gente se fortalece muito nisso, se apoia muito uma na outra”.

A despeito de terem alguma importância nos estudos do cuidado, as amizades, para pessoas LGBTQ+, parecem significar algo substancialmente diferente, sobretudo em face das experiências de privação nas unidades clássicas do cuidado.

Mas, ao mesmo tempo, nada disso se dá de forma romantizada, em práticas comunais homogêneas de redenção. Convive-se, concretamente, com uma realidade muito dura de isolamento e abandono. Diz um homem gay entrevistado, colocando em questão a força dos laços potenciais entre pessoas LGBTQ+:

O envelhecer LGBTQ+ é um envelhecer muito solitário, sabe? Agora, eu... eu e o [nome] falávamos muito em envelhecer juntos, cuidar um do outro até ficar velho. Aí hoje, eu me deparo numa situação de que... quem ia cuidar de mim, não tá mais aí.

A perda, nesse longo processo de erosão de laços de cuidado, pode assumir formas intensas, especialmente em travestis e pessoas trans, que são submetidas a abusos psíquicos, físicos e sexuais ao longo de suas vidas. A sensação de abandono e isolamento, de desconstituição de relações de cuidado, aparece com muita força entre elas. Uma travesti idosa relata com bastante ênfase:

Não tenho amigo. E: Não tem?! Relacionamentos... S: Não tenho relacionamentos. E: Não quer? Por quê? S: Não quero! Quem vai querer relacionar com travesti de 64 anos? E: Mas você gostaria? S: Não! Relacionar para quê? E: Qual o seu sentimento agora? S: De abandono!

E algo mais se passa na vida adulta de pessoas LGBTQ+: um chamado a ocuparem posições de cuidadoras. Mais uma vez, a expressão desse caráter de moeda de troca das identidades parece se manifestar. Mesmo com trajetórias de relações complicadas com as famílias, com potenciais situações de carência ou insuficiência de cuidado familiar, ou mesmo de violência, essas pessoas são instadas a cuidarem. É recorrentemente o caso de homens gays, que, numa certa inversão dos papéis de gênero tradicionalmente associados ao cuidado de pais (papel normalmente imputado a filhas), são colocados na posição de cuidadores. Diz um homem gay idoso entrevistado: “a minha mãe, ela teve um problema de saúde então eu [...] trouxe ela pra morar comigo. Então durante muito tempo eu fiquei me dedicando a ela. Eu não conseguia ter... ter alguém e cuidar dela ao mesmo tempo”.

Tudo isso tem consequências muito significativas na vida dessas pessoas. Uma certa interrupção de fluxos, amizades, afetos, pode se impor a partir disso, inclusive num retorno a uma vida em que a homossexualidade sai de cena. Diz o mesmo homem gay entrevistado, sobre sua mãe idosa adoecida sob seus cuidados: “até que em 2007 ela faleceu. Aí quando ela faleceu, é que eu me senti mais liberado pra poder cuidar da minha vida”. Ou seja, sua vida de homem gay parece ter sido, nesse capítulo, mais uma vez interrompida em suas possibilidades.

Situações particularmente complexas se passam com travestis e pessoas trans. Para elas, na infância e relações familiares, a violência pode assumir formas extremas, físicas, e a privação do cuidado ser abrupta e total, como, por exemplo, na expulsão de casa. Ainda assim, são essas as pessoas colocadas na posição de cuidadoras de idosas de suas famílias mais tarde em suas vidas. Na história de vida de uma mulher trans idosa — que, aliás, relatou processos familiares muito violentos na infância — esse desenho fica bem visível:

Aí vim trazer minha mãe. Quando eu cheguei aqui em [cidade], minha mãe ‘garrou’ comigo, e eu queria voltar, eu não queria ficar aqui... eu queria voltar pro [cidade]... minha mãe ‘garrou’ comigo. ‘Garrou’ comigo... E ficou aquele negócio... Eu que levava minha mãe no médico, eu que passava a roupa da casa, eu que fazia a comida da casa, eu que fazia a comida de final de semana, porque aí já tinha neto, meus irmãos já tinham crescido, já tinha sobrinho, já tinha cunhado, né, que era genro dela... E, e... então, assim, final de semana eles reuniam lá na casa... E acabou que eu era a empregada da casa.

O que se pode perceber, portanto, é que as posições e relações de cuidado para pessoas LGBT+ são, em vários momentos e de várias formas, atravessadas pelas identidades de gênero e sexualidades. A vulnerabilidade LGBT+ coloca essas pessoas em posições bastante próprias. As práticas discriminatórias vão viabilizar processos no amplo arco da vida afetos às relações de cuidado: privação, perda de qualidade, diminuição da oferta, violência, interpelação para prover, reorganização de laços, repressão. A arquitetura clássica das relações de cuidado, seus sujeitos, vetores e posições, não se replicam de modo automático para pessoas LGBT+. Suas existências, de uma maneira ou outra, desafiam as normas de gênero e sexualidade, os regimes de feminilidade e masculinidade. E, diante disso, o preconceito produz para elas posições específicas. Não raro, são posições de um acesso entrecortado, violentado, culpado, mais difícil à esfera dos cuidados.

### 3.4 Espaços de cuidado: onde pessoas LGBT+ se constituem e se cuidam

Não é grande novidade a constatação da importância dos espaços nas relações de cuidado (GELSTHORPE, MODY, SLOAN, 2020). Tudo o que dá corpo ao que se entende por cuidado se desdobra numa íntima relação com o espaço, tanto físico quanto simbólico. A centralidade da casa, do espaço doméstico, do domínio do privado, no universo do cuidado, é há muito discutida na literatura (LERUSSI, 2014; BORIS, 2014; GUIMARÃES, 2016). Da mesma forma, nos círculos não domésticos do cuidado, espaços como creches, escolas infantis, hospitais, instituições de longa permanência para pessoas idosas, são as arenas concretas do debate. Há, a bem da verdade, um catálogo espacial hegemônico de onde o cuidado se desdobra.

Uma primeira constatação para promover um debate *queer* dessa dimensão espacial do cuidado é que as pessoas LGBTQ+ circulam em todos esses espaços, por assim dizer, clássicos. E, em todos eles, como visto, têm suas relações afetadas pelo fato de serem LGBTQ+. Mas algo além dessa afetação espacialmente localizada das dissidências de gênero e sexualidade no cuidado se passa. À luz da privação, dos processos de violência e rejeição que pessoas LGBTQ+ passam nesses mesmos espaços hegemônicos de cuidado, dá-se um processo de produção de práticas outras, como as vistas anteriormente, que também se localizam em espaços outros.

Muito desse conjunto desenvolvido de práticas de cuidado propriamente LGBTQ+, no sentido de cuidarem-se para serem LGBTQ+, material e subjetivamente, se dá em outros espaços não imediatamente assimilados pela reflexão do cuidado. Ou seja, há um processo de deslocamento espacial que passa a situar essas práticas não hegemônicas em espaços físicos igualmente não hegemônicos.

A centralidade dos espaços de vivência LGBTQ+ para a própria afirmação das identidades já é amplamente assimilada e discutida na literatura (LEVINE, 1979; BELL; BINNIE, 2004; MACRAE, 2018). O debate sobre a ideia de “gueto” para pessoas LGBTQ+, a afirmação de processos históricos de luta por direitos em espaços autoafirmados como LGBTQ+, tudo se encaminha numa percepção que compreende que identidades de gênero e sexualidade são espacialmente vividas. Algo, contudo, ainda não se debate na mesma intensidade: o fato de práticas e relações de cuidado também se desdobrarem nesses espaços. Lugares que, numa primeira mirada, podem ser lidos como de lazer, de prazer, de práticas sexuais, de distração, de circulação noturna, podem ser arenas fundamentais para a compreensão de um cuidado LGBTQ+. Bares, boates, clubes, casas noturnas, saunas, cinemas pornôs, espaços de *cruising*, zonas de prostituição, a própria rua.

Há, recorrentemente, nas histórias de vida coletadas no projeto Longeviver LGBTQ+ uma memória de um “começo de vida”, de um marco de autoconhecimento e experimentação de si, em espaços como bares e boates LGBTQ+. Diz uma mulher lésbica idosa, lembrando sua autodescoberta: “ali tinha um bar gay, e foi ali que tudo começou”. Em outro momento, ressalta que nesses espaços é que sua vida teria começado.

Na mesma linha, diz um homem gay, ressaltando uma relação particular entre casa, rua e espaços LGBTQ+, com os atravessamentos do HIV/Aids:

Durante uma época da minha vida eu frequentei muito bar, boate, frequentava bastante. [...] Dos vinte até os quarenta eu frequentava. Eu peguei uma época muito boa, assim, que a gente não tinha... cê não tinha Aids nem nada, era uma época muito sadia. Eu falo que minha geração foi muito assim, podada, porque a gente... a gente, a princípio a gente era muito calado né? Muito reprimido. Quando a gente resolveu ir pra rua e... se soltar, veio a Aids e calou a gente de novo. Segurou a gente em casa de novo. Então né, foi uma geração duplamente oprimida.

O que vai se percebendo dos relatos é uma centralidade de espaços como bares na constituição da identidade, inclusive em contraposição à casa. Nas palavras de um homem gay idoso, sobre a relação entre liberdade, descoberta e identidade nos espaços noturnos: “o que me aconteceu isso aí foi uma espécie de liberação. [...]. E havia também os bares, né? Então, eu ia a bares, eu descobria coisas, né? Aí eu via que o sabe? O lance da liberdade”.

Os sentidos atribuídos a esses espaços por pessoas LGBT+ não parecem encontrar correlatos no mundo da heterossexualidade cisgênera. A despeito de homens e mulheres heterossexuais e cisgêneros poderem e amplamente frequentarem estabelecimentos desse tipo, bares e boates, não nos parece que o que se passa ali seja amplamente constitutivo do que são. Os processos de socialização heterossexual integram mais esses espaços na reiteração ampla das normas de gênero e sexualidade. Por outro lado, para LGBT+s, neles se concentra a possibilidade de se dar o contrário disso. De servirem como espaços de experimentação, de conhecimento, de reconhecimento de si em outras e outros. Além da viabilização dos afetos e do sexo. Ao se encontrarem, trocarem experiências, constituírem laço, as pessoas LGBT+ se veem LGBT+ na noite.

E essa compreensão ampla de noite integra, além disso, espaços ainda mais próprios aos universos LGBT+. É o caso das saunas para os homens gays, como lugares de socialização e de sexo. Tanto os processos de descoberta, as primeiras experiências sexuais, bem como o acesso ao afeto e sexo na velhice, tudo isso pode ter nas saunas gays um espaço importante para essa comunidade. Espaço que traz em si um traço particular de segredo, experimentação, estigma e liberação. Diz um homem gay idoso, ao descobrir na juventude as saunas: “eu não sabia nem onde ir. O dia que eu ouvi alguém comentar que... o quê que acontecia numa sauna, eu falei: ‘é lá que eu quero ir’, sabe? Aí descobri as saunas”. Um outro entrevistado destaca:

A minha vida homossexual revelou um novo cenário, uma nova forma de prazer. E eu comecei a viver aquilo no escuro ainda, na sombra... é... escondido. Mas já fui me permitindo a... a ir pra um cinemão, a ir pra uma sauna, a me arriscar em algumas situações anônimas ainda, escondidas, né?

As experiências sexuais em sauna podem ocorrer de modo espontâneo, entre os homens frequentadores do espaço, e também por meio da contratação de garotos de programa. Diz um homem gay idoso: “gay, por exemplo, com 70 anos pode ir numa sauna. Ele pega um garotinho de 18 anos, é só pagar. Ele te come lindamente e pronto, acabou. Entendeu?”.

Algo semelhante se passa com os cinemas eróticos. Diz um dos homens gays idosos entrevistados:

Agora os cines... os cinemas por... os filmes pornôs, eles existem, acho, desde que o homem era homem, né? [...] Porque... Eu nunca gostei disso, de filme. É muito cansativo e é muito repetitivo, né? Muito... Então não me... não me chamava atenção. Então o quê que era interessante? Era você conhecer gente nova. Então... Mas você ia conhecer gente, não ia com essa intenção, né?

Mas, além das trocas estritamente sexuais, para muitos homens gays a sauna funciona como um espaço de sociabilidade ampla. Diz um entrevistado, que vai à sauna “não para transar assim. Eu tenho esses meus bloqueios, entendeu? Mas eu gosto de sauna para ver show também, show de *drag*. Ver show, tomar cerveja, conversar com um, conversar com outro”. Ou seja, há um conjunto de práticas de autoconstituição, de entendimento de si, de diversão, sexuais, que vão se passar no ambiente específico da sauna, tornando-o um espaço complexo em que o cuidado também circula.

É preciso notar, contudo, que espaços como as saunas não são experimentados de maneira homogênea pelos homens gays. Muitos os rejeitam, por verem nesse ambiente algo pertencente a um “submundo” de práticas sexuais promíscuas, que consideram abjetas. Da mesma forma, não é um local que se apresente da mesma maneira para mulheres lésbicas, bem como para travestis e pessoas trans, que são recorrentemente impedidas de formas diretas ou indiretas de acessar lugares deste tipo. E para quem não necessariamente espaços do mesmo tipo se constituam.

Outros espaços, contudo, têm uma função particular para travestis e mulheres trans. Considerado o fato de que para a maioria das travestis e mulheres trans a prostituição é uma realidade<sup>5</sup>, os espaços em que se estrutura o mercado sexual se tornam centrais para essas pessoas. Diz uma travesti idosa entrevistada:

À noite eu fui passear na zona e vi travesti pela primeira vez na minha vida e disse: ‘É isso que eu quero ser. É isso que me pertence’. Voltei para a empresa, peguei minhas coisas e fui para a zona. [...] Então, tudo para mim era muito novo, mas tudo era muito libertador, era o que eu queria. Ao mesmo tempo que era difícil, era muito gostoso, chegar em [cidade], praia, mar, muito travesti, muita história, muito candomblé, muita umbanda, muita prostituição, muito glamour, muita festa, tudo aquilo para mim... Foi a melhor fase da minha vida, foi na minha transição, mesmo sofrendo muito, tendo que trabalhar muito para ganhar um prato de comida, para ganhar uma dormida, mas foi a melhor fase da minha vida.

Ou seja, para travestis as zonas de prostituição, para além de espaços de trabalho, são espaços em que elas criam a possibilidade de afirmação de sua identidade de gênero. Ali conhecem outras travestis e mulheres trans, se aproximam, criam laços, estabelecem trocas materiais e afetivas. E ali também, nas arenas de prostituição, experimentam a violência transfóbica e se protegem dela. A mesma travesti idosa entrevistada fala da violência da rua: “ah, na rua é mais violento do que na boate. A boate, a gente está dentro de uma casa, né, a gente está ali, mais segura. A rua é mais violenta”.

Por fim, no relato desta mesma entrevistada, uma experiência de constituição de espaços comunais de cuidado durante a pandemia do HIV/Aids apareceu de modo bastante destacado. Nas palavras dela:

Eu vendi o meu apartamento, paguei as minhas dívidas e comprei uma casa na favela, e acolhi todas as travestis e transexuais soropositivas, doentes de Aids, naquela época dos anos 90, vivia lá em casa. Lá em casa morreu muitas travestis com HIV.

Em resumo, os dados empíricos coletados no projeto Longeviver LGBT+ vão dar conta de uma pluralidade de espaços nos quais as pessoas LGBT+ engendram processos fundamentais para sua autoconstituição. Processos que atravessam seus corpos de variadas maneiras, que engajam suas subjetividades, com proximidade e cumplicidade, que as transformam

---

<sup>5</sup> Cf. <https://antrabrazil.org/2019/11/21/antra-representa-o-brasil-em-audiencia-na-cidh/>

como pessoas. Processos, numa lente ampliada, de cuidado. O que pudemos perceber é que pessoas LGBTQ+ se entendem largamente como tal nesses espaços, com relações e práticas. A noite, a rua, o bar, a boate, a sauna, o cinema pornô, a zona de prostituição, esses são muito mais do que lugares físicos para essas pessoas. São os lugares nos quais, de uma maneira ou de outra, elas se tornam quem são.

### 3.4 Estruturas que (não) cuidam: pessoas LGBTQ+ e espaços de cuidado na velhice

A velhice é um momento particularmente complexo na experiência do cuidado para pessoas LGBTQ+. A discriminação ageísta ainda é uma realidade bastante presente nessa comunidade (ARAÚJO; SILVA, 2020), e muitas das histórias de vida coletadas no projeto Longevidade LGBTQ+ ressaltam esta dimensão. Além disso, diante dos processos tratados anteriormente — que tornam práticas de cuidado ilegíveis, espaços de cuidado não reconhecidos ou clandestinos, relações de cuidado entrecortadas e marcadas pela violência —, a velhice se coloca como uma questão de contornos próprios para pessoas LGBTQ+. E as estruturas, sejam elas estatais, paraestatais ou privadas, de cuidado intensivo a pessoas idosas, se apresentam como uma interrogação em face dos gêneros e sexualidades dissidentes. Tomemos, por exemplo, a figura dos asilos, ou instituições de longa permanência para pessoas idosas.

Determinadas histórias de vida coletadas antecipam algumas impressões ou sensações dessa comunidade. Primeiro, uma certa desconfiança, pelos sentidos que essas instituições podem assumir socialmente. Diz um homem trans idoso entrevistado: “esse negócio de asilo tá por fora, né? Eu falo assim, eu quero tá velhinha lá, mas tomando minha cervejinha”.<sup>6</sup> Ao mesmo tempo, a preocupação com a falta de estruturas em que a convivência de pessoas idosas LGBTQ+ possa se dar também se expressa como preocupação forte. Diz um homem gay idoso:

A gente tem que... que fazer uma mobilização envolvendo... é... empresários LGBTQ+. Falar com eles: ‘não precisa sair do armário não, basta cê pôr a mão na carteira’. Sabe? E abrir um centro de... de... de recepção e convivência LGBTQ+ na terceira idade, só mais 60, né? Que menos de 60 ainda tem condição de se virar, né? [...] E abrir um centro de apoio e, se possível, até de permanência.

Considerando o fato de que a maioria das pessoas entrevistadas no projeto Longevidade LGBTQ+ estavam em estratos mais jovens da velhice, essa não era necessariamente ainda uma questão vivida, mas sentida na sua proximidade, como na preocupação pela existência de um centro de permanência para pessoas LGBTQ+. Isso pode se agravar diante de relações familiares, como visto, violentas, que tornam o cuidado familiar na velhice algo impossível ou não desejado para muitas dessas pessoas. Uma mulher lésbica entrevistada, de trajetória familiar lesbofóbica, é enfática:

---

<sup>6</sup> Este homem trans se autodeclara como tal, mas ao mesmo tempo também se autodeclara lésbica, com autorreferências no gênero feminino, o que se mantém aqui integralmente.

Então, essa questão de asilo também é bem complexa. Que horas que o asilo é bom? Que horas que o asilo é ruim? Né? Eu, por exemplo, já falei com todos os meus sobrinhos: “Se for pra eu ter que morar com a minha irmã ou com o meu irmão, cês me botam no asilo. Presta atenção”. Já tá escrito em tudo enquanto é canto... em escrito mesmo, em cartório. Me joga no asilo, mas não deixa eu morar com irmão, não!

Outra, com família melhor, fala dessa angústia de ser cuidada por sobrinhos na velhice:

Eu já fui em asilo, vi como é que é. Eu não penso em ficar num asilo, mas eu penso muito nisso, por morar sozinha, como que vai ser. Vai chegar uma época, se eu não morrer... As coisas vão ficando mais difíceis. Mas outro dia... Eu ajudo muito meus sobrinhos financeiramente... Tem uma que gosta de tocar violão, eu tava ajudando; tem uma outra que tá estudando inglês, eu tô ajudando. Aí um dia, ela falou com a mãe dela... Ela já tá no curso superior. Falou assim: “mãe, a tia, quando ela quiser, eu vou trazer ela pra cá ou vou morar com ela pra cuidar dela”. Eu achei isso tão... Eu chorei na hora, fiquei muito emocionada. Mas me preocupa muito isso. Eu não gostaria...

O que se pode perceber entre as pessoas idosas LGBTQ+ entrevistadas é um misto de preocupações, incertezas, vontades, temores, seja em projeções do futuro ainda relativamente distantes ou em experiências muito concretas e atuais. E em todas elas as estruturas de cuidado aparecem de forma difícil. Uma travesti idosa, a única entrevistada que teria passado por uma instituição, relatou ser “impossível ficar no asilo”, diante do fato de “não pode sair para fazer nada”. Para ela, ali teria “uma morte cívica e social decretada antes da morte. E, muita transfobia também”. Sobre a transfobia, elabora:

Para inserir uma mulher travesti, uma transexual em um asilo primeiro, os asilos têm que contratar pessoas trans para trabalharem nesses espaços. Se o asilo não tem funcionário trans, é porque o asilo não sabe lidar com identidade de gênero.

E completa: “você vai morrer lá, de tanta violência, de tantas risadas da sua imagem de idosa, está entendendo?!”.

O fato é que tudo quase está ainda por definir, nas muitas incertezas nos processos contemporâneos de um envelhecer LGBTQ+. Para travestis, por exemplo, envelhecer é, em si, uma incerteza, diante da violência transfóbica generalizada e das baixas expectativas de vida. Para pessoas LGBTQ+ em geral, as incertezas se multiplicam. Famílias e laços intergeracionais não resolvem. Laços comunais são projetados, mas não necessariamente vividos. As estruturas existentes não parecem assimilar bem a centralidade do gênero e sexualidade para a vida dessas pessoas. Tudo isso num mundo LGBTQfóbico que combate os espaços, práticas, modos de ser delas.

## 4. A ideia de cuidado *queer*

O que queremos dizer com cuidado *queer*? Como as experiências colhidas no projeto Longeviver LGBTQ+ nos fazem pensar nessa chave? E para que ela serve? A resposta a essa pergunta se conecta com uma disputa conceitual de fundo. A geógrafa indiana Parvati Raghuram (2019, p. 626), no contexto da produção racializada de relações de cuidado, lança uma questão que nos parece fundamental também na perspectiva das dissidências de gênero e sexualidade: “como garantir que o cuidado não seja definido por aqueles que tiveram o privilégio de receber o cuidado?”. Definir o cuidado, portanto, se torna um gesto político, atravessado pelas condicionantes de sua produção.

O que pretendemos, então, é, a partir das experiências de cuidado vividas por pessoas LGBTQ+ e colhidas nas histórias de vida do projeto Longeviver, postular uma relação que vai além da simples constatação da existência de desenhos ou arranjos diferentes. Os modos por meio dos quais gêneros e sexualidades dissidentes afetam as práticas e relações de cuidado, e os espaços nos quais elas se dão, falam de um desencaixe conceitual importante. As coisas, aqui, não se passam como para pessoas heterossexuais e cisgêneras. Pessoas LGBTQ+ experimentam o cuidado de modo muito próprio. Por isso o *queer* talvez nos ajude a ler o que se passa. Não de maneira acessória ou lateral. Mas como condição constitutiva. Gloria Anzaldúa ([1981] 2002, p. 230-233), em 1981, descrevia com muita precisão os sentidos do *queer* que informam o que queremos postular aqui:

Nós somos os grupos *queer*, as pessoas que não pertencem a lugar nenhum [...]. Juntos nós cobrimos tantos tipos de opressões. Mas a opressão predominante é o fato coletivo de que nós não nos encaixamos e porque nós não nos encaixamos, nós somos a ameaça.

Esse desencaixe, essa ameaça, que as pessoas LGBTQ+ representam é que alimenta os processos de humilhação, privação, violência também no mundo do cuidado. Mas também é o que produz o seu contrário. Um recriar contestatório de possibilidades do cuidado a partir da experiência dessas pessoas. Como essas vidas reconstituem continuamente como vidas LGBTQ+, em práticas, espaços e desenhos próprios. Se tomarmos, por um instante, um dos conceitos mais influentes de cuidado, de Berenice Fischer e Joan Tronto (1990, p. 40), veremos que algo que “inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor maneira possível” certamente será algo, para pessoas LGBTQ+, atravessado por suas identidades de gênero e sexualidade. Sobretudo quando considerada a inclusão de um “nós mesmos”, a partir do corpo, que as autoras incorporam ao conceito. Essa ideia de produção de si, do entorno e do mundo responderá de maneira muito substancial às identidades LGBTQ+. Identidades que provocam, como vimos, uma série de deslocamentos e particularidades em práticas, espaços, relações e estruturas.

Aqui, talvez, somemos uma dimensão ao desenvolvimento de potencialidades do conceito de cuidado, no sentido de Patricia Paperman e Pascale Molinier (2015, p. 53), como “o que nos liga e prende a diversos outros, quer sejam particulares, grupos ou comunidades

maiores ou menores”, numa consideração detida de relações sociais concretas e localizadas, a não serem desconsideradas em nome de cânones analíticos estruturais. Relações, aliás, que para elas, “podem ser assimétricas, desiguais, injustas, conflituosas entre si, podem engajar diversos tipos e graus de responsabilidades, obrigações de força e intensidade diferentes para as partes” (PAPERMAN; MOLINIER, 2015, p.53).

Esse desenvolvimento das potencialidades conceituais do cuidado é algo, contudo, nada simples de se fazer. E, em se tratando da perspectiva LGBTQ+, algo que ainda não está propriamente feito. Algumas iniciativas nessa direção se colocam no nosso horizonte de análise. Como, por exemplo, o que aponta o teórico e ativista trans norte-americano Hil Malatino (2020, p. 41-42), nas linhas de um cuidado trans:

O que acontecerá se [...] começarmos investigando redes de ajuda mútua e apoio emocional desenvolvidas por comunidades trans [...]? O terreno do que constitui o cuidado muda radicalmente assim que ocorre esse descentramento. Para sujeitos *queer* e trans, muitas vezes não se trata tanto de exportar os valores feminizados de cuidado associados ao lar burguês e branco para a esfera pública, mas de buscar maneiras de tornar mais sustentável a labuta multivalente e necessária por cuidado que estrutura muitas de nossas vidas, especialmente porque frequentemente estamos ativamente engajados em inventar ou juntar as peças de unidades – domésticas, familiares, íntimas – que são assumidas a priori em grande parte da literatura sobre trabalho de cuidado e ética do cuidado.

É isso que sentimos ao investigar as relações de cuidado de pessoas idosas LGBTQ+ de Belo Horizonte. Suas relações de cuidado não estão no centro. Acessam e deixam de acessar o cuidado de formas muito ligadas às suas expressões de gênero e sexualidade. Muito do que vale na descrição geral não necessariamente se aplica a essas pessoas. Elas fazem coisas que consideram vitais para quem são, para a constituição de seus corpos e subjetividades, que pessoas cisgêneras e heterossexuais sequer conhecem. Em espaços considerados clandestinos, sujos, abjetos, promíscuos. Imaginam e recompõem laços a partir do rechaço que experimentam do mundo. Vivem, também, o isolamento e solidão de modo particular. Aqui, uma literatura nascente começa a endereçar essas dimensões. A investigar sentidos *queer* nas experiências gerais de cuidado (MALATINO, 2020), relações familiares (PARK, 2013; SOUZA, 2022), envelhecimento (ARAÚJO; SILVA, 2020), saúde (MENDES; JORGE; PILECCO, 2019).

Tudo isso parece indicar um processo importante, ainda que incipiente, de expansão da inteligibilidade dos desenhos do cuidado. Se tomarmos a ideia de circuitos do cuidado, por exemplo, a perspectiva *queer* pode, ao mesmo tempo, gerar um certo “curto-circuito” nos domínios mais estabelecidos (no cuidado como obrigação e profissão, por exemplo), e expandir a dimensão do cuidado como ajuda. Para Nadya Guimarães e Priscila Vieira (2020, p. 11),

o ‘circuito das “ajudas” aparece como promotor de alternativas de cuidado (sob diferentes e novos tipos de atividades) entre aqueles que vivem em situação de pobreza extrema e sob escassa (ou pouco efetiva) proteção da política social.

Quando pluralizamos as origens dessa necessidade de criação de alternativas não só na perspectiva das vulnerabilidades econômicas, talvez algo mais se some a esta dimensão. Um

conjunto de formas ilegíveis de cuidado emerge da pluralidade das formas de se ser socialmente subalterno numa sociedade que discrimina de muitas maneiras.

Esta é uma ideia ainda a ser desdobrada, dando sentido teórico às muitas dimensões que as trajetórias plurais de pessoas LGBTQ+ podem iluminar. Não são, nem de longe, experiências homogêneas. Têm, igualmente, atravessamentos raciais e de classe. Uma travesti negra pobre e periférica tem uma experiência certamente muito distinta de um homem gay branco de classe média alta na esfera do cuidado. E tudo isso importa muito conceitualmente. Ainda assim, algo nos parece aparecer de modo destacado das análises do projeto Longevidade LGBTQ+. Pessoas LGBTQ+ são instadas a negociar ao longo da vida o cuidado, justamente por serem pessoas LGBTQ+. A expressão de suas identidades pode definir se acessam ou não o cuidado, e de que forma. Se serão instadas a prover ou não o cuidado. E se terão de inventar ou recriar, a partir dessas experiências, suas próprias práticas

Em resumo, as experiências de cuidado para pessoas LGBTQ+ parecem responder ao fato de serem pessoas LGBTQ+ de quatro grandes modos:

- i. Privação de cuidado:** na privação total ou parcial de cuidado, na infância, vida adulta e velhice. Na infância, por receberem cuidado de maneira desigual no contexto familiar e escolar, quando dão indícios de suas dissidências de gêneros e sexualidades, com, por exemplo, trejeitos que potencialmente as identifiquem como pessoas LGBTQ+. Na vida adulta, por serem privadas de laços familiares, com parentes consanguíneos que se recusam ao convívio, o proíbem ou o tornam intolerável. E também por acessarem de modo potencialmente problemático o campo da saúde e das instituições de cuidado. Na velhice, pela desconstituição progressiva e definitiva de laços sociais fragilizados, tornando a solidão e isolamento uma realidade particularmente forte para elas;
- ii. Extorsão de conformação para acesso ao cuidado:** pessoas LGBTQ+, de maneiras diretas e indiretas, de modos física ou psicologicamente violentos, são extorquidas a se conformarem às normas de gênero e sexualidade para acessarem o cuidado, bem como coagidas a ocultarem o fato de serem LGBTQ+ pela família, sob o temor de perda dos horizontes materiais e subjetivos da produção cotidiana da vida. Isto pode se repetir em esferas como a educação, saúde, trabalho.
- iii. Provimento de cuidado:** pessoas LGBTQ+ são recorrentemente instadas a posições de provimento de cuidado, pela subalternidade que atravessa suas expressões de gênero e sexualidade. Mesmo com trajetórias familiares violentas, acabam se incumbindo do cuidado de pessoas idosas da própria família. E o fazem de muitos modos: de formas voluntárias e com realização pessoal, talvez justamente pela privação que sofreram e pela possibilidade de experiências intersubjetivas fortes com essas pessoas; ou com grande privação decorrente, em reimposição de limites das vivências livres como pessoa LGBTQ+.
- iv. (Re)criação de cuidado:** pessoas LGBTQ+ criam e recriam, em processos espacial, material e subjetivamente localizados, práticas de cuidado que são vitais para a afirmação delas como pessoas LGBTQ+ no mundo. Trata-se de práticas opacas, enigmá-

ticas, ilegíveis aos olhos de quem pensa o cuidado em seus arranjos hegemônicos. Tudo isso se passa recorrentemente em lugares considerados sujos, abjetos, promíscuos, clandestinos. E que se colocam como fundamentais para o que essas pessoas podem e querem ser.

Assim, o cuidado *queer* é a resultante complexa de trajetórias entrecortadas de pessoas LGBT+ nas esferas do cuidado, englobando, de um lado, um conjunto de experiências de privação e violência nos processos familiares, sociais e públicos também no cuidado, nas matrizes da LGBTfobia, que resultam, de outro, em rearranjos para a produção da vida LGBT+ em práticas próprias, em espaços não hegemônicos, em fluxos, posições e relações atravessadas pela dissidência de gênero e sexualidade. Cuidado *queer* é tudo aquilo que mulheres lésbicas, homens gays, pessoas bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais fazem para produzirem as suas existências enquanto pessoas LGBT+, a partir de seus corpos, alianças e trocas intersubjetivas que resultem nessa experiência LGBT+ sobre o mundo. Isto resulta numa ética *queer*, que parte de práticas de consideração permanente do outro em sua particularidade, trazendo, em si, um processo que beneficia a todas as pessoas de maneira geral (NICHOLAS, 2019). O *queer* como prática, como cultivo, como modo de ser que contesta os limites violentos das possibilidades do ser a partir das formas hegemônicas do gênero e sexualidade. Ou o *queer* como gesto:



Fotografia capturada no evento “Café Diversidade”, ocorrido no contexto do projeto Longeviver LGBT+ na Faculdade de Direito da UFMG, em Belo Horizonte, em 4 de junho de 2022.

Fotografia: Gabriela Dantas Rubal

## 5. Conclusão: para pessoas LGBTQ+ “todo cuidado é muito, muito, muito, muito pouco”

Uma das entrevistadas do projeto Longeviver LGBTQ+, mulher lésbica, negra, idosa, residente em Belo Horizonte, disse algo que nos marcou muito:

Não é hora de voltar pro armário, mas é uma hora de se cuidar mais, se proteger mais, sabe? De nós [...] nos protegemos mais, fazemos uma rede maior de segurança. Nós necessitamos disso, né? [...] *Todo cuidado é muito, muito, muito, muito pouco.*

Não é difícil concluir, a partir das experiências relatadas aqui, que para pessoas LGBTQ+, de maneira geral, o cuidado tem sido um universo difícil. Muitas vezes de privação. De imposição. De violência. Nas relações e espaços em que ele deveria existir com qualidade e alteridade. Ao mesmo tempo, esse tem sido o domínio da recriação. Da constituição inventada de possibilidades de ser sobre o mundo, de maneira diversa, plural e contestatória.

Tentamos, neste artigo, colocar o conhecimento dessas experiências ao redor do cuidado de homens gays, mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, travestis e transexuais no centro. Conhecer, aqui, foi nosso gesto fundamental. É preciso lembrar que para a população LGBTQ+, de maneira geral, e mais ainda para a população idosa LGBTQ+, há uma ainda falta sistemática de dados. Justamente de um conhecimento sobre suas experiências. Especialmente em dimensões que não venham diretamente associadas aos elementos mais explícitos da afirmação de suas identidades de gênero e sexualidade. É bem o caso das experiências de cuidado, relatadas ao longo do amplo arco da vida, por pessoas idosas LGBTQ+.

Os processos de escuta nos interpelaram, então, a uma abertura dos poros dos conceitos teóricos. O cuidado, como conceito que articula os modos ao mesmo tempo mais profundos e cotidianos de produção da vida, foi balanceado. Partindo-se do pressuposto fartamente documentado que os processos de cuidado são vitais, e que são injustos os desenhos, sentidos, distribuição de cargas, em chave de gênero, raça e classe, fomos um pouco adiante, para explorar uma mudança de substância que o cuidado sofre ao ser percebido a partir de vidas LGBTQ+. Uma substância que passa a ser composta de modos próprios de prover, privar, organizar, produzir, sentir, viver o cuidado, quando se é uma pessoa desviante em face das normas de gênero e sexualidade. Tudo isso nos coloca diante não apenas de especificações descritivas, particularidades de análise, mas de algo de outra ordem. Algo que, pensamos, pode se traduzir conceitualmente como um cuidado LGBTQ+. Ou um cuidado *queer*. Que se expressa em rearranjos de práticas, espaços, sujeitas, relações e estruturas. E, num mundo que priva sistematicamente as pessoas LGBTQ+ de possibilidades de um cuidado que se dê de forma justa, diversa, não moralista, aberta radicalmente à pluralidade, nossa entrevistada parece ter toda razão: para pessoas LGBTQ+, “todo cuidado é muito, muito, muito, muito pouco”.

## Referências

- ANZALDÚA, Gloria E. La Prieta. In: MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria E. (ed.). *This Bridge Called My Back*. Writings by Radical Women of Color. 3rd edition. Berkley: Third Woman Press, [1981] 2002.
- ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; SILVA, Henrique Salmazo da (org.). *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais*. Campinas: Alínea, 2020.
- BELL, David; BINNIE, Jon. Authenticating queer space: citizenship, urbanism and governance. *Urban Studies*, v. 41, n. 9, p. 1807-1820, 2004.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BORIS, Eileen. Produção e reprodução, casa e trabalho. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, p. 101-122, 2014.
- BUTLER, Judith. Critically Queer. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 1, p. 17-32, 1993.
- DE LAURETIS, Teresa. Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities. An Introduction. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, v. 3, n. 2, p. iii-xviii, 1991.
- FABBRE, Vanessa. Gender transitions in later life: a queer perspective on successful aging. *Gerontologist*, v. 55, n. 1 p. 144-53, 2015.
- FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. Toward a feminist theory of caring. In: ABEL, Emily; NELSON, Margaret (ed.). *Circles of care: work and identity in women's lives*. Albany, NY: Suny Press, 1990, p. 36-54.
- GELSTHORPE, Loraine; MODY, Perveez; SLOAN, Brian (ed.). *Spaces of care*. Oxford/New York: Hart, 2020.
- GEORGES, Isabel. O “cuidado” como “quase-conceito”: por que está pegando? Notas sobre a resiliência de uma categoria emergente. In: DEBERT, Guita Grin; PULHEZ, Mariana Marques (orgs.). *Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência*. 2 ed. Campinas: Unicamp/IFCH, 2019.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. Casa e mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. *Cadernos Pagu*, n. 46, p. 59-77, 2016.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena S. *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo; PINHEIRO Luana Simões. O halo do cuidado. Desafios para medir o trabalho remunerado de cuidado no Brasil. In: CAMARANO, Ana Amélia;

PINHEIRO, Luana (orgs.). *Cuidar, verbo transitivo: caminhos para a provisão de cuidados no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2023, cap. 10, p. 443-486.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila P. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 7-24, jan. 2020.

HALPERIN, David M. *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography*. New York: Oxford University Press, 1995.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos* [Online], v. 23, p. 283-323, 2017.

HENNING, Carlos Eduardo; DEBERT, Guita Grin. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60: estudos sobre envelhecimento*, v. 26, n. 63, p. 8-31, dez. 2015.

HIRATA, Helena S.. *O cuidado: teorias e práticas*. São Paulo: Boitempo, 2022.

JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory. An Introduction*. Melbourne, AU: Melbourne University Press, 1996.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LERUSSI, Romina. *La retórica de la domesticidad. Política feminista, derecho y empleo doméstico en la Argentina*. Buenos Aires, AR: Universidad Nacional de La Plata, 2014.

LEVINE, Martin. Gay ghetto. In: LEVINE, Martin. (org.) *Gay men: the sociology of male homosexuality*. New York: Harper & Row, 1979.

MACRAE, Edward. Em defesa do Gueto. In: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 51-66.

MALATINO, Hil. *Trans Care*. Minnesota, MO: University of Minnesota Press, 2020.

MANALANSAN, Martin F. Queering the Chain of Care Paradigm. *The Scholar and Feminist* [Online], v. 6, n. 3, 2008. DOI: [http://sfoonline.barnard.edu/immigration/print\\_manalansan.htm](http://sfoonline.barnard.edu/immigration/print_manalansan.htm).

MENDES, Lindalva Guimarães; JORGE, Alzira Oliveira; PILECCO, Flávia Bulegon. Proteção social e produção do cuidado a travestis e a mulheres trans em situação de rua no município de Belo Horizonte (MG). *Saúde em Debate*, v. 43, n. espec. 8, p. 107-119, 2019.

MOLINIER, Pascale; LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia (dir.). *Qu'est-ce que le care? Souci des autres, sensibilité, responsabilité*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2009.

MOLINIER, Pascale; PAPERMAN, Patricia. Descompartimentar a noção de cuidado? *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 18, p. 43-57, set.-dez. 2015.

NICHOLAS, Lucy. Queer ethics and fostering positive mindsets toward non-binary gender, genderqueer, and gender ambiguity. *International Journal Transgend*, v. 20, n. 2-3, p. 169-180, 2019. . DOI: 10.1080/15532739.2018.1505576 PMID: PMC6831025 PMID: 32999604.

PARK, Shelley. *Mothering Queerly, Queering Motherhood*. Albany, NY: State University of New York Press, 2013.

PELÚCIO, Larissa. O Gênero na Carne: sexualidade, corporalidade e pessoa - uma etnografia entre travestis paulistas. In: GROSSI, Miriam P.; SCHWADE, Elisete. (org.). *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. 1. ed. Florianópolis: Nova Letra, 2006, p. 189-216.

PELÚCIO, Larissa. Toda Quebrada na Plástica: Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas., *Campos – Revista de Antropologia*, v. 6, n. 1, p. 97-108, 2005.

PINTO, Thiago Pestana; TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso; BARROS, Claudia Renata dos Santos; MARTINS, Ricardo Barbosa; SAGGESE, Gustavo Santa Roza; BARROS, Daniel Dutra de; VERAS, Maria Amelia de Sousa Mascena. Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, p. e00113316, 2017.

RAGHURAM, Parvati. Race and feminist care ethics: intersectionality as method. *Gender, Place & Culture*, v. 26, n. 5, p. 613-637, 2019.

RAMIREZ-VALLES, Jesus. *Queer Aging: The Gayby Boomers and a New Frontier for Gerontology*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2016.

RICHARDS, Jill. Plague Intimacies, Queer Care, and the Biopolitics of Human Rights. *Archives of Crime and Activism*. v. 7, n. 2, p. 168-179, 2020.

SILVA, Samuel Araujo Gomes da; LENA, Fernanda Fortes de; MIRANDA-RIBEIRO, Paula de. *Demografia e diversidade sexual: uma análise da produção acadêmica sobre gênero e identidade sexual na demografia entre 2000 e 2017*. In: XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Poços de Caldas, 2018.

SOUZA, Érica Renata. Parentalidades LGTB+. In: RAMOS, Marcelo M.; VALENTIM, Márcia F. R. C.; NICOLI, Pedro A. G. (org.). *Dicionário Jurídico do Gênero e da Sexualidade*. 1. ed., Salvador: Devires, 2022, p. 557-562.

SPADE, Dean. *Mutual Aid: Building Solidarity during this Crisis (and the Next)*. London: Verso, 2020.

SULLIVAN, Nikki. *A Critical Introduction to Queer Theory*. New York: New York University Press, 2003.